

# Apresentação

Em tempos pós-modernos, já não se concebem pesquisas apenas voltadas para um único campo do saber. Os saberes se inter-relacionam, transpõem fronteiras, indo além de suas especificidades. Estamos na era das relações “inter” e “trans”. A transdisciplinaridade, calcada em um pensamento integrador, visa a articular uma nova compreensão da realidade entre e para além das disciplinas especializadas, em busca de compreensão da complexidade globalizante. É justamente sobre o tema das *Transdisciplinaridades* que versa este número da Revista *Gragoa-tá*.

Na travessia entre ou através de diferentes disciplinas, os artigos reunidos nesse número desenvolvem reflexões teóricas e/ou propõem abordagens práticas que, ultrapassando as prototipicidades dos princípios analíticos e metodológicos das pesquisas nas áreas da lingüística e da literatura, abrem-se a contribuições e aportes de outros setores da inquirição científica.

Nessa linha, Simon Harel, em seu artigo *Sites et lieux de mémoire: les cybermigrances de Régine Robin*, analisa o caráter transdisciplinar da escrita literária de Régine Robin que, em sua obra recente, transpõe a fronteira do romance memorial e cria um gênero discursivo híbrido, a bioficção, cuja construção narrativa deambula pela literatura, história, psicanálise, autobiografia e geografias urbanas, utilizando-se dos novos dispositivos técnico-cibernéticos da *web* (*sites*, *blogs*, arquivos *jpeg*, hipertextos). Simon Harel mostra ainda que, por meio dessas “cibermigrâncias”, Robin tece uma reflexão sobre as lacunas de memória da história e sobre a assemia dos espaços contemporâneos, na tentativa de compreender a “sorte” dos desaparecidos e deportados da Shoah.

Em seu artigo, *Interdisciplinaridade: história das mulheres e estudos de gênero*, de enfoque essencialmente teórico, Rachel Soihet e Suely Gomes Costa fazem um inventário acerca dos estudos relativos a mulheres e a sua história desde os anos 70 até os dias de hoje, mostrando que, desde o seu advento, esses estudos agruparam pesquisadoras/es de diferentes tradições disciplinares, tais como a literatura, a filosofia, a história, a sociologia. Segundo as autoras, a expansão dos estudos de gênero, noção tomada de empréstimo à gramática para teorizar a diferença sexual, inscreve-se nos debates que assinalam a emergência do pós-modernismo, o que amplia o caráter interdisciplinar dos saberes feministas, que passam a articular as relações de gênero com as de classe, raça/etnia e poder. E essa interdisciplinaridade

expõe o paradoxo que tem movido os feminismos: o de simultaneamente aceitar e recusar a “diferença sexual”.

Letícia Marcondes Rezende, em seu artigo *Nominalização: o diálogo entre os níveis de análise lingüística*, considera que as análises lingüísticas não podem tratar a língua e suas unidades como construtos estáticos. A autora advoga a adoção de um enfoque integrador em que léxico e gramática se articulem interdisciplinarmente em um processo operatório gerador de valores e significados que possam explicar o fenômeno da vocação dos termos para serem nomes ou verbos. O tratamento a ser conferido à nominalização requer, portanto, o estabelecimento do diálogo entre sintaxe e semântica de um lado, e a enunciação, de outro, que permita depreender um *continuum* entre a existência de uma representação estabilizada (nome) e a instabilidade na construção da existência da representação (predicado). Para Rezende, o modelo analítico da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas de Quicoli, que se apóia nos conceitos de regulação e equilíbrio, é teórica e metodologicamente ajustado para dar conta do equilíbrio entre as forças contrárias, que refletem a própria interlocução, e os valores quantitativos e qualitativos, responsáveis pela estabilidade e instabilidade na construção dos mecanismos de determinação e indeterminação, que subjazem à questão do valor nominal ou do valor predicativo das nominalizações.

Em *Comunidades rurbanas e conflitos lingüísticos*, Maria Cecilia Mollica, Luciana de Mello, Fernando Loureiro e Rodrigo Alípio propõem uma reflexão, empiricamente fundamentada, sobre a necessidade de se adotar modelos teóricos adequados para se dimensionar de modo mais acurado os novos perfis de configuração, resultantes de processos migratórios, das comunidades rurbanas localizadas nas periferias das grandes cidades. Os autores aventam a possibilidade de articulação entre a noção de redes sociais e a da Teoria da Acomodação, sugerindo que esses construtos teóricos podem dar conta de processos de acomodação dialetal e de conflitos lingüísticos. Analisado à luz dessa articulação integradora, o caso da comunidade do Complexo da Maré, cuja população é majoritariamente migrante, bem ilustra o processo de acomodação para o dialeto carioca: os indivíduos que desejam mobilidade social abrem mão de traços discriminadores do seu dialeto de origem, os que não aspiram qualquer modificação tendem a manter as formas rurais.

Manoel Luiz Gonçalves Corrêa, ao discorrer sobre *Arranjos referenciais de tempo em textos de pré-universitários: letramento e oralidade*, nos convida a refletir sobre as vantagens epistemológicas e metodológicas de se adotar uma noção de texto que integre as marcas pragmático-enunciativas do tempo lingüístico e os modos histórico- discursivos de apresentação, focalizando diferentes e variadas escansões de temporalidade associadas

aos posicionamentos argumentativos do sujeito. Para tanto, descarta a visão dicotômica entre língua falada e língua escrita, redefinindo-as como modos de enunciação. Nessa ótica, oferece como exemplário o uso de indicadores do tempo, visando a demonstrar que a convivência entre práticas orais/faladas e práticas letradas/escritas é, entre outros fatores, também marcada em relação às temporalidades, uma vez que a relação com o tempo é crucial na determinação do modo de participação do sujeito na constituição do texto, na medida em que marca posicionamentos em um dado campo discursivo. Os posicionamentos assumidos, tomados como indicadores de sentido, delimitam lugares para o sujeito, tanto do ponto de vista de seu engajamento com relação às temporalidades, quanto em relação ao efeito argumentativo que o sujeito lhes atribui. O contorno histórico dos fatos apresentado pelo sujeito como tentativa de sustentação argumentativa para o seu texto é, pois, produto de singularidades históricas que ele reconhece no cruzamento dessas fontes, reconhecimento este que se dá em função de como ele representa a sua própria posição no interior dessas fontes: no discurso, não há categoria de tempo sem que se registre a memória e sem que se marque a identidade do sujeito.

Enfocando o ensino, Ilse Leone B. C. de Oliveira e Andréa F. Delgado, em seu artigo *Imaginação histórica: ficção e subjetividade na escrita escolar*, fazem uma reflexão sobre uma atividade de produção textual desenvolvida a partir de uma experiência pedagógica interdisciplinar entre Português e História, realizada com alunos do 7º ano fundamental. Trata-se de um “exercício de imaginação histórica”, fundamentado em perspectivas teóricas lingüísticas, literárias e históricas, visando à criação de um diário ficcional de bordo, ambientado no contexto histórico das Grandes Navegações. A reflexão sobre a atividade proposta desenvolve-se a partir de um *corpus* composto de alguns desses diários, sendo seguida de uma avaliação criteriosa que visa a comprovar a produtividade do trabalho interdisciplinar no desenvolvimento da escrita escolar.

Também direcionado para o ensino e tomando como exemplo pesquisas sobre o Espanhol, língua estrangeira, Antonio Andrade, discute, em seu artigo *Literatura e Espanhol/LE: a questão da alteridade*, a importância de se estabelecer uma relação intrínseca entre os estudos literários e o campo teórico da lingüística aplicada no processo de ensino/aprendizagem de uma língua estrangeira, no qual a questão da alteridade se revela como um fator preponderante. Considerando que “são as práticas culturais que possibilitam o ensino/aprendizagem de uma língua” e que a literatura é o lugar privilegiado de expressão dessas práticas e de questionamento da identidade por meio da tensão com a alteridade, o autor aposta na produtividade da leitura literária nas aulas de espanhol/LE.

O artigo *Uma proposta de abordagem evolutiva para a mudança lingüística*, de Raquel Meister Ko. Freitag, parte da tese de que a associação, por um lado, entre o modelo da variação e mudança lingüística e, por outro, entre o modelo evolutivo de Croft (2000) e o modelo biolingüístico de Givón (2002) resulta em um enfoque sócio-biolingüístico, cujo poder explanatório se torna teoricamente rentável, ao discriminar os fatores reguladores da evolução biológica e a mudança lingüística. Assim, enquanto o modelo sociolingüístico não lida com a mudança como inovação, ou seja, com a reduplicação alterada, mas com a seleção, ou mudança como propagação, em um processo tríplice - ocorrência de forma alternante para uma variável lingüística, coexistência das duas formas e degeneração de uma das formas - o modelo evolutivo concebe a mudança como um processo de duas etapas: a replicação alterada, entendida como funcional, e a seleção, entendida como social. Enquanto na biologia existe um interador, uma entidade cujo comportamento causa variação e seleção de reduplicadores, na mudança lingüística, o interador é o próprio falante, um organismo, que também é um interador na evolução biológica. Em ambos os casos, o comportamento humano dirige a mudança evolutiva, ou seja, a mudança por replicação.

Em *Diálogos em campo: uma co-construção de saberes sobre o trabalho*, Dayala Paiva de Medeiros Vargens, Luciana Maria Almeida de Freitas e Talita de Assis Barreto propõem uma reflexão acerca das implicações teórico-metodológicas da pesquisa de campo, sob a perspectiva da concepção dialógica de linguagem e da abordagem ergológica da atividade. Partem do pressuposto de que a objetividade e a neutralidade em pesquisa são impossíveis, já que o apagamento das vozes trazidas pelo pesquisador, decorrente do distanciamento entre o pesquisador, responsável pela construção conhecimento, e o pesquisado, objeto da análise, é inexecutável. Advogam, então, que só uma pesquisa de campo, com a presença do pesquisador em situação de trabalho, pode viabilizar a análise da linguagem como trabalho e a maneira pela qual ela se insere no conjunto de atividades. A pesquisa de campo, numa perspectiva dialógica e ergológica, ao ultrapassar o momento da coleta de dados para a constituição de um *corpus*, constrói um espaço de intercâmbio, que possibilita a co-construção de saberes do sujeito pesquisado e do pesquisador, e instaura a produção da fala relacionada com a reação do Outro na produção discursiva.

O texto de Sebastião Carlos Leite Gonçalves e Luciani Ester Tenani, *Problemas teórico-metodológicos na elaboração de um sistema de transcrição de dados interacionais: o caso do projeto ALIP (Amostra Lingüística do Interior Paulista)*, trata de questões teórico-metodológicas com que se defronta o pesquisador ao constituir databases. Oferece um painel ilustrativo sobre os recortes metateóricos e as convenções a serem adotados no processo de recolha, documen-

tação e armazenamento, que podem contribuir para um registro mais fidedigno de especificidades prosódicas, fonéticas, morfosintáticas e discursivo-interativas da fala de uma determinada comunidade lingüística na dimensão do tempo aparente.

A paralelização entre as bases epistemológicas da Sociolingüística Interacional e da Análise da Conversa Etnomológica é o foco do artigo de Lillian Márcia Ferreira Divan e Roberto Perobelli, *A pesquisa qualitativa e o paradigma da ciência pós-moderna: uma reflexão epistemológica e metodológica sobre o fazer científico*. Os co-autores, ao se proporem a refletir epistemológica e metodologicamente sobre o afazer científico no campo das ciências sociais, enfatizam a necessidade de um novo paradigma científico propugnador da intertextualidade entre as ciências humanas e sociais, que redesenhe o escopo analítico através de um *continuum* calcado na transdisciplinaridade temática e na pluralidade metodológica. Nessa perspectiva, são contrapostas as visões positivista, que presume a neutralidade do pesquisador e do objeto, e do interpretativismo, que vê a realidade como uma construção do indivíduo. A Sociolingüística Interacional e a Análise da Conversa, correntes que adotam o pensamento interpretativista, ao privilegiarem o pesquisador e o pesquisado como parte ativa da construção do conhecimento e do processo de interpretação dos fatos sociais, praticam esse *continuum*, operando através de um paradigma qualitativo que pressupõe uma teoria social em consonância com a ação social e a agentividade do indivíduo no nível micro-social.

Na resenha que faz do *Dicionário de figuras e mitos literários das Américas*, organizado por Zilá Bernd e publicado em Porto Alegre, em 2007, por Tomo Editorial/Editora da Universidade, Aimée G. Bolaños ressalta a abrangência do trabalho de compilação do imaginário mítico nos domínios das literaturas das três Américas que, abarcando o período que vai da chamada “Descoberta” até as experiências coloniais e pós-coloniais, promove alternativas de estudos comparatistas e oferece subsídios aos pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento, sobretudo das ciências humanas, sociais e filológicas.

Frederico Augusto Garcia Fernandes apresenta uma resenha do livro *Oral and written narratives and cultural identity*, organizado por I. M. F. Blayer e F. C. Fagundes e publicado em Nova York, em 2007, por Peter Lang, na qual ressalta a atualidade e a relevância do tema abordado, mostrando que, ao estabelecer conexões entre o oral, o escrito e o visual nas interfaces com a sociologia, a antropologia, a história e com as mais recentes investigações acerca da imigração, os artigos que compõem essa obra oferecem uma inegável contribuição para as pesquisas em diferentes áreas do conhecimento.

Por fim, Vanderlei J. Zacchi, em sua resenha, contrapõe as obras de Fairclough (2006), *Language and globalization*, e de

Pennycook (2007), *Global Englishes and transcultural flows*, ressaltando um aspecto comum a ambas: a recusa à tese do imperialismo cultural (e por extensão lingüístico), segundo o qual o mundo estaria dominado por poderosas corporações midiáticas que disseminam valores ocidentais e ameaçam as culturas locais. Para Pennycook, o prefixo “trans”, que tipifica as noções de transdisciplinaridade, transculturalismo e translingüismo, aplica-se a teorias transgressivas que desejam transcender as fronteiras e produzir novas formas de pensamento. Fairclough identifica na globalização uma dialética entre a desterritorialização e reterritorialização de elementos culturais, que transitam pelo globo provocando novas mesclas. Na avaliação de Zacchi, Fairclough privilegia uma resistência aos discursos dominantes da globalização, ao passo que Pennycook se ocupa da apropriação de elementos presentes nesses discursos como forma de ação política e redefinição de identidade.

Cláudia Roncarati e Vera Lucia Soares (Org.)